

NECESSIDADE DE RECONVERSÃO DA PRODUÇÃO DE TOMATE EM SÃO PAULO: ações na cadeia produtiva¹

Waldemar Pires de Camargo Filho²
Antonio Roger Mazzei³

1 - INTRODUÇÃO

O tomateiro é a segunda hortaliça em área cultivada no mundo e a primeira em volume industrializado. No Brasil, e principalmente em São Paulo, ocorreu intensa evolução tecnológica na produção de tomate (rasteiro e envarado) e o mercado mostrou-se competitivo e dinâmico nos últimos vinte anos. Dentre as olerícolas, o tomate e a batata serão os produtos que deverão sofrer maiores ajustes na produção e abastecimento no Cone Sul do Continente Americano, em razão de suas características peculiares e dos aspectos históricos de produção e consumo. Dessa forma, é necessário que haja gradual reconversão da produção brasileira e paulista para atender o abastecimento. O objetivo desse trabalho é analisar o perfil produtivo e do abastecimento de tomate industrial e para mesa no Estado de São Paulo, frente aos custos de produção e preços praticados no mercado internacional e no Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e sugerir ações de apoio à cadeia produtiva.

2 - TOMATICULTURA NO MERCOSUL

A formação do MERCOSUL exigirá maior reconversão⁴ no setor produtivo brasileiro.

Dentre os signatários do MERCOSUL, os países que terão maior intercâmbio comercial de olerícolas são o Brasil e a Argentina, em razão de serem os maiores em população e quantidade produzida e possuírem região de produção concentrada e forma de distribuição sistematizada. No entanto, o Chile com a Bolívia são os mais novos integrantes do MERCOSUL e possuem estreito intercâmbio comercial com o Brasil e já se apresentaram como concorrentes da Argentina para a complementação do abastecimento de frutas de clima temperado e polpa de tomate.

O Paraguai com população de 4,5 milhões de habitantes e população urbana concentrada em Assumpção e em Cidade do Leste atualmente é abastecido com olerícolas oriundas da produção local e da Argentina, mas a participação da produção interna no abastecimento de tomate e pimentão é mais expressiva, cultivada cerca de 1.200 hectares de tomate por ano.

No Uruguai, a produção tecnologicamente é evoluida e cultiva cerca de 1.300 hectares de tomate, sendo 25% sob plasticultura e com alta produtividade, o abastecimento é complementado com produção brasileira e argentina para todas as olerícolas.

Em termos relativos, a Argentina é o maior produtor de hortaliças da América Latina, pois com 33 milhões de habitantes, produz cerca de 5,3 milhões de toneladas/ano. A produção de tomate ocorre em plantios anuais de 30.000 a 40.000 hectares, que proporcionam entre 700.000 e 950.000 toneladas. A estimativa é de que 50% destinam-se à indústria, cujo parque industrial está localizado na província de Men-

¹O artigo faz parte do projeto SPTC 16-006/91.

²Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³Economista, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

⁴Segundo Silva & Braatz (1993): "A reconversão pode ser definida como um processo de reestruturação competitiva de uma economia, de um setor, de um ramo de atividade ou de uma unidade de produção, tomado mais vulnerável devido a integração ou abertura de mercados. O termo reconversão está relacionado às modificações e redirecionamento induzidos e/ou conseqüentes das mudanças estruturais dos mercados. Estas mudanças são originárias de três situações básicas: a) abertura crescente e gradativa do mercado;

b) formação de blocos econômicos (como o MERCOSUL); c) modificações das relações produção/mercado. Reconversão/reestruturação é a adaptação do setor ou empresa a um mundo dinâmico". Silva, Renato I. da & Braatz, Rudi K. Reconversão e reestruturação produtiva na agricultura e na agroindústria para o MERCOSUL. Brasília: IPEA, 1993. mimeo.

doza.

Os tipos de tomate comercializado na Argentina são o Platense (achatado parecendo o caqui), o redondo (globular) e o tipo Pepita que é ova I com formato de tomate para indústria, mas que está sendo utilizado para consumo *in natura*.

O Chile possui população de 12,5 milhões de habitantes e a produção de tomate em 1994 foi cerca de 1.566.845 toneladas cultivadas em 21.525 hectares, produtividade de 72.790kg/ha. Dessa área, 16% são cultivados sob plasticultura, 32% são para consumo industrial e 52% para consumo *in natura*, produzidos ao ar livre. Isso faz do Chile o principal consumidor de tomate com 30kg/per capitalano⁵.

2.1 - Produção de Tomate no Brasil

Desde o início dos anos 70, o Brasil possui entrepostos atacadistas de hortigranjeiros nas principais capitais estaduais, isso ajudou a organizar a distribuição de hortaliças e principalmente o tomate que possui o maior volume comercializado e características próprias. Nessa época utilizava-se o tomate com classificação inferior nos entrepostos atacadistas e as sobras na propriedade para abastecer as fábricas. Em meados da década de 1970, deslocou-se a produção de tomate rasteiro para o norte do Estado de São Paulo e para o Nordeste do Brasil com a finalidade de suprir as fábricas com produto melhor e mais barato.

Comparando-se as décadas de 70 e 80, observa-se que no Brasil a produtividade aumentou em 49% e a área cultivada em 11%, evidenciando a evolução da produção de tomate nos principais estados produtores. Na Região Sul, embora tenha aumentado a produtividade em 25%, a área cultivada manteve-se estável, no Rio de Janeiro a situação foi similar. A Região Nordeste aumentou sua produção em 131% graças à expansão da área cultivada e ao aumento da produtividade nos períodos de 1971-80 e 1981-90, tendo o tomate industrial como principal produto. Nesses períodos, o Estado de São Paulo aumentou em 40% sua produção, graças ao acréscimo de 61% na

produtividade, enquanto a área cultivada global foi reduzida em 22%⁶.

A produção brasileira de tomate foi de 2.252.676t (média 1989-93) segundo o IBGE. O tomate para indústria participou com 719.000t, 32% do total. Esse tipo de tomate foi produzido no Brasil em três grandes pólos: norte de São Paulo (37%), Pernambuco-Bahia (32%) e Minas Gerais-Goiás (31%) (Tabelas 1, 2 e 3), portanto, para o tomate de mesa, o Estado de São Paulo constituiu-se no principal produtor e no maior mercado consumidor da América Latina.

3 - PERFIL DO SETOR PRODUTIVO EM SÃO PAULO

A década de 80 foi o grande divisor de águas para que se determinasse São Paulo a região produtora de tomate envarado (para mesa), e a região de tomate industrial cultivado sem tutoramento. Ao final dos anos 80, no Estado de São Paulo, a produção de tomate envarado ocorria no nordeste e sudoeste, nas regiões de altitude e planalto, enquanto o tomate rasteiro ocorria ao norte e noroeste do Estado.

O setor produtivo de tomate em São Paulo nos últimos 20 anos teve duas vertentes distintas. A primeira é que a década de 80 serviu para definir a região produtora de tomate para o consumo interno e a região para cultivar o tomate industrial, visando o abastecimento do mercado brasileiro com produto processado e para exportação de polpa. A segunda vertente e atual é o aparecimento do Mercado Comum do Sul e a inversão da posição brasileira no mercado de tomate industrial, quando o Brasil passou a ser importador de polpa e a região produtora deslocou-se para o Centro Oeste e Nordeste do País. Portanto, neste contexto conjuntural, no primeiro quinquênio dos anos 90 é que será analisada a cadeia produtiva do tomate.

Em 1995, o Estado de São Paulo produziu 33% do total brasileiro de tomate, cultivando cerca de 6.000 hectares para indústria e 11.500 hectares para consumo *in natura* com produção de 857.640 toneladas.

⁵PANORAMA da produção de alho, batata, cebola e tomate na América Latina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE OLICULTURA, 35. Anais... Foz do Iguaçu: SOB, 1995. p.68-112.

⁶Camargo Filho et al. Evolução da produção de tomate no Brasil. *Agricultura em São Paulo*, SP, v.41, t.1, p.41-70, 1994.

TABELA 1 - Área, Produção e Produtividade de Tomate no Brasil, 1990-95

Ano	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (t/ha)
1990	60.904	2.260,781	37,14
1991	60.904	2.343,811	38,51
1992	52.210	2.141,345	41,01
1993	53.726	2.348,201	43,71
1994	61.555	2.678,147	43,51
1995	59.409	2.535,061	42,67

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.

TABELA 2 - Área, Produção e Produtividade de Tomate no Brasil e Principais Estados Produtores, Média 1993-94

Estado	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Participação (%)
São Paulo	17.415	857.640	48.413	33
Minas Gerais	6.098	291.373	47.782	11
Pernambuco	8.174	298.367	36.502	11
Bahia	7.106	232.968	32.785	9
Goiás	5.243	263.300	50.219	10
Rio de Janeiro	3.450	179.856	52.219	7
Brasil	60.482	2.606.604	43.097	100
Outros	12.696	483.100	38.054	19

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.

TABELA 3 - Área, Produção e Produtividade de Tomate, Estado de São Paulo, 1990-95

Ano	Tomate rasteiro (São Paulo)			Tomate envarado (São Paulo)		
	Área (ha)	Produção (1.000t)	Produtividade (t/ha)	Área (ha)	Produção (1.000t)	Produtividade (t/ha)
1990	8.260	297.400	36.000	6.505	281.500	47.500
1991	7.620	301.400	39.600	8.100	363.800	44.900
1992	7.250	287.120	39.603	8.280	427.500	51.630
1993	5.690	237.360	41.715	10.260	567.800	55.348
1994	6.380	275.480	43.179	11.700	608.000	51.966
1995	5.490	279.740	51.001	11.850	598.870	50.538

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

4 - CADEIA AGROINDUSTRIAL DO TOMATE

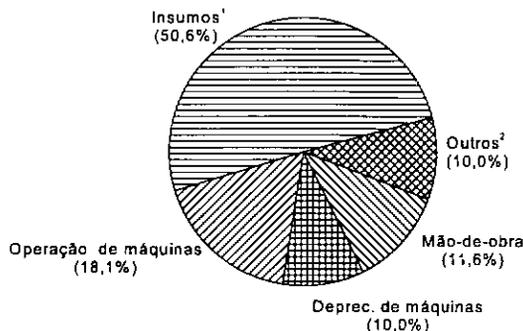
NUEVO (1994)⁷, analisando a cadeia agroindustrial de tomate no Brasil, apresenta as regiões de produção de tomate rasteiro, bem como as empresas participantes, o volume processado anualmente e os principais países

importadores e exportadores de derivados de tomate. Analisando o setor produtivo de tomate no período 1988-93, mostra que o preço recebido por tonelada até 1991 foi praticamente igual ao custo operacional efetivo, no entanto, cerca de 15% menor que o custo operacional total. Considerando-se ainda que a produtividade aumentou em 10% no biênio 1992-93, o que proporcionou diminuição do custo. Porém, a pressão da indústria na negociação de preços para o tomate foi a de pagar sempre o custo

⁷Nuevo, Paulo A.S. Aspectos da cadeia agroindustrial do tomate no Brasil. *Informações Econômicas*, SP, v.24, n.2, p.31-44, fev. 1994.

operacional efetivo e posto-fábrica, no período 1993-95, foi negociado caso a caso.

O custo operacional total de produção de tomate industrial em 1993 foi de US\$68,35/tonelada, segundo o Instituto de Economia Agrícola, sendo que 50,11% couberam às despesas com sementes, adubos, corretivos e defensivos, 18,12% à operação de máquinas e 9,63% para depreciação. Os custos financeiros, seguro, assistência técnica e despesas gerais participaram com 10,03% e a da mão-de-obra para operações e colheita foi de 11,61% (Figura 1). Os cultivares mais utilizados para indústria são: IPA-5, IPA-6, Agrocica Botu 13, Rio Grande, Rio Fuego, Petomech, Euromech, Agrocica 45, Agrocica 72 e híbridos: Pacheco, Andino, Zenith, Nema 1400 e H-2710.



¹Sementes, adubos, corretivos e defensivos.

²Encargos sociais, financeiros, PROAGRO e arrendamento.

Figura 1 - Custo de Produção de Tomate Industrial, Estado de São Paulo, 1993.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

4.1 - Ameaças e Gargalos na Produção e Abastecimento do Tomate Industrial

O custo de produção do tomate rasteiro no Estado de São Paulo está maior do que no Centro-Oeste e Nordeste do País. Os produtores que continuaram produzindo o fizeram porque conseguiram nos últimos anos, 1993-95, aumentar a produtividade e baixar os custos. Existem municípios como é o caso de Novo Horizonte, Guaira, Araçatuba, Monte Alto, etc. que têm na produção de tomate importante fonte de renda e estão tendo estrangulamento no setor produtivo por não conseguirem baixar os custos.

O Instituto Agrônomo em parceria com a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), Prefeitura e empresas processadoras deveriam realizar experimentos testando menor uso de defensivos, maior equilíbrio de nutrientes (macro e micro) e matéria orgânica, combinado com irrigação controlada e contabilidade do custo de produção efetivo com utilização de programa de cálculo informatizado adequado (do IEA), pesquisar o sistema de produção e tratos culturais ao produtor de tomate na região.

Mesmo que se abaixe o custo é necessária a reavaliação do abastecimento das indústrias nacionais. O fornecimento de matéria-prima será centralizada no Brasil (Nordeste, Centro Oeste) e São Paulo, ou continuará o crescente abastecimento pelo Chile e Argentina?

No Brasil, especialmente no Nordeste, o custo de produção por tonelada, estimado em 1995, foi de R\$77,30, e os tomatocultores reivindicaram 30% como margem de lucro sobre o custo de produção, o que causou paralisação nas negociações de preço entre produtores e indústrias.

O que ocorreu em 1994 e 1995?

O Chile é o país da América Latina que possui maior tecnologia de produção na área agrícola e o tomate é o principal produto olerícola de produção. Através de acordos firmados com o Brasil tem-se mantido como parceiro comercial e concorrendo com o produto da Argentina.

O valor das importações brasileiras de tomate e derivados do Chile, em 1995, foi de US\$41,4 milhões, comparativamente a US\$23,3 milhões em 1994. A Argentina participou com US\$2,3 milhões. O Chile tem preferência de 70% sobre o imposto vigente, não tem outra restrição, isso resulta em tributo de 1,2% *ad valorem*.

Em contrapartida, o complexo agroindustrial do tomate importou 18% a mais em 1995 relativamente a 1994. A pasta de tomate predominou nos negócios com 50,9%. A maior expansão foi do *catchup*. O preço médio FOB em 1994 foi de US\$1.010/t e US\$860/t. em 1995⁸ (Tabela 4).

⁸RELATÓRIO do Instituto de Conjuntura e Desenvolvimento. Hortinews, Brasília, 1996.

TABELA 4 - Importações Brasileiras do Complexo Tomate, Brasil, 1994 e 1995¹

Produto	1994		1995	
	em mil US\$	em t	em mil US\$	em t
Tomate <i>in natura</i>	318,2	6.831,2	488,3	3.097,4
Tomate rasteiro/pedaços	431,3	662,0	4.792,2	8.316,1
Pasta de tomate	30.573,3	30.059,4	27.647,3	31.839,2
Massa	12.749,4	15.033,7	16.640,4	17.923,5
Catchup	552,4	359,4	1.898,4	1.349,3
Total	44.687,6	52.945,7	51.466,6	62.525,5

¹ Janeiro a novembro.

Fonte: Secex/DTIC.

5 - CADEIA PRODUTIVA DE TOMATE PARA MESA

O setor produtivo de tomate para mesa localiza-se nas regiões altas das Serras de Paranapiacaba e da Mantiqueira e regiões de Planalto próximas a Campinas, que totalizam 83% do total estadual.

Esta divisão ocorre em virtude da necessidade de se adequar o plantio com a época de acordo com as características climáticas de cada região. Dessa forma, os municípios serranos produzem com maior intensidade no verão, e os maiores produtores são: Apiai, Ibiúna, Ribeirão Branco, Barra do Chapéu e Guapiara - região de Sorocaba e Registro-MRH: Apiai e Paranapiacaba. No outono e inverno os municípios do planalto com maior intensidade de colheita são: Mogi Guaçu, Estiva Gerbi, Monte Mor, Elias Fausto, Sumaré e Indaiatuba - MRH: Campinas, e Açucareira de Piracicaba (Tabela 5).

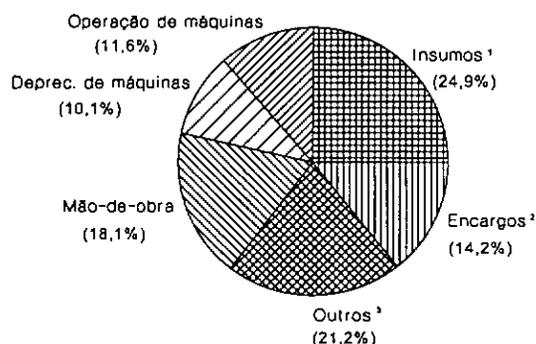
TABELA 5 - Área e Produção de Tomate de Mesa por Região, Estado de São Paulo, 1994-95

Região	Área (ha)	Produção (t)	Participação (%)
Registro	1.860	126.000	21
Sorocaba	4.600	201.875	34
Campinas	3.325	167.378	28
Outros	1.750	98.000	17
Estados	11.535	590.250	100

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

A produção de tomate é realizada em pequenas glebas que podem ser arrendadas ou

próprias, que normalmente trabalham em parceria com famílias. A produtividade média no Estado é de 51t/ha, e o custo por caixa de 22kg é cerca de R\$4,20. Os principais itens no dispêndio são: adubos, corretivos, defensivos e sementes, 24,87%; mão-de-obra, 18,8%; operação de máquinas, 11,57%; depreciação de máquinas 10,08%; outros, 21,20% (agrega embalagem e colheita) e seguro e encargos financeiros e sociais, 14,22%. O tomate envarado emprega 375 dias/homem para o cultivo de um hectare (Figura 2)⁹.



¹Sementes, adubos, corretivos e defensivos.

²Encargos sociais, financeiros e PROAGRO.

³Mourões, estacas, caixas e arames.

Figura 2 - Custo de Produção de Tomate para Mesa, Estado de São Paulo, 1993.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

⁹Ueno, Lidia H. & Okawa, Hiroshige. Custo de produção de tomate de mesa, 1986-91. *Agricultura em São Paulo*, SP, v.39, t.1, p.176-193, 1992.

Atualmente é possível, através do uso das técnicas de agricultura sustentada, baixar o custo de produção substituindo parcialmente tratamentos culturais e técnicas que compõem o sistema de cultivo tradicional. Além de haver outros métodos de cultivo: o orgânico e a plasticultura, cujos mercados ainda são pouco explorados.

te do setor produtivo englobam a produção de sementes, insumos e maquinarias e possuem pouca integração entre si.

As empresas e indústrias produtoras de defensivos, corretivos, fertilizantes, etc., em geral possuem equipes especializadas que visam a promoção, difusão e venda do seu produto, realizando quando necessário dias de campo e/ou palestras. As indústrias de máquinas (tratores, motores de irrigação, equipamentos e implementos) também trabalham livremente e algumas possuem maior especialização em cultivo de hortaliças, não havendo integração de trabalhos desenvolvidos com os órgãos públicos (Figura 3).

5.1 - Atividades a Montante do Setor Produtivo

As indústrias, empresas e os órgãos públicos que trabalham com atividades a montante

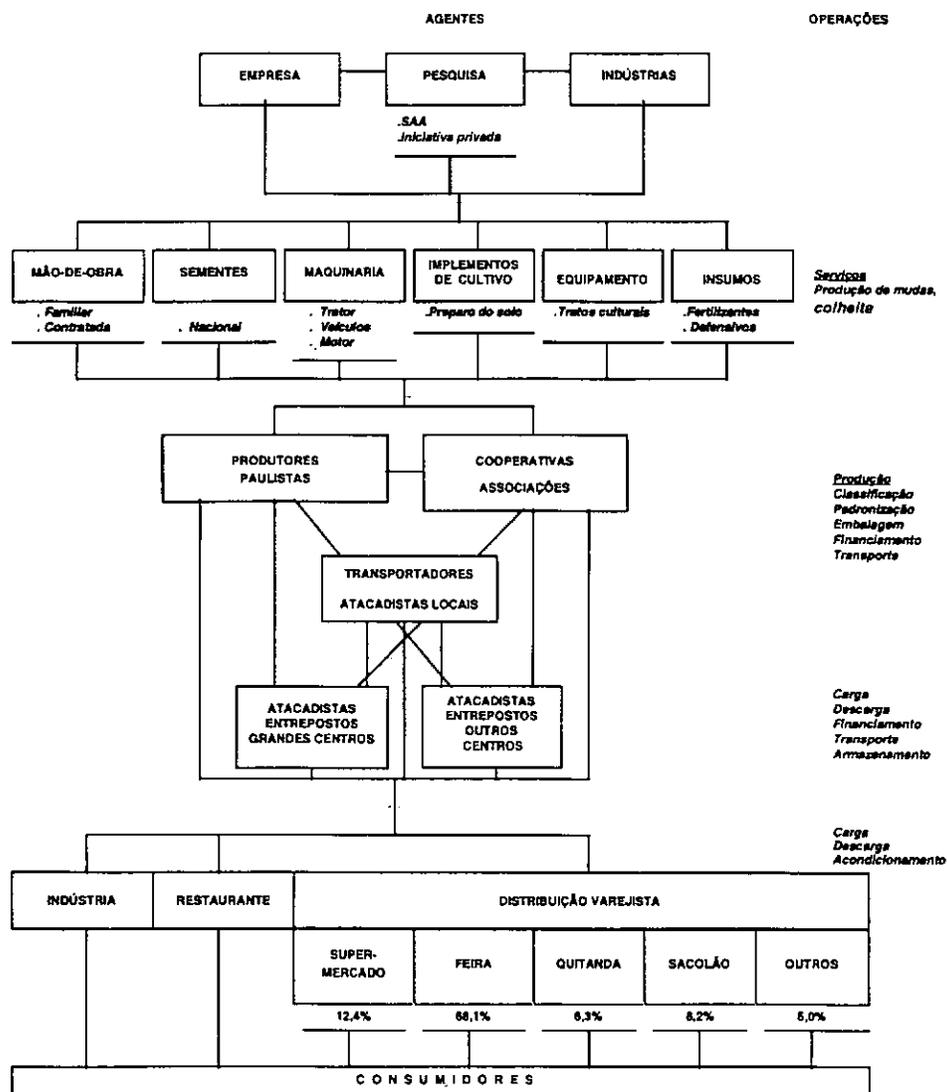


Figura 3 - Fluxograma da Cadeia Produtiva do Tomate.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

A mão-de-obra é fornecida por famílias e volantes do município. Em geral, o arrendatário ou proprietário participa na produção cedendo terra, insumos e maquinários, enquanto o parceiro entra com a mão-de-obra e operacionalização do cultivo, sendo os insumos divididos 50% para cada parte e o lucro, quando há, é dividido em partes iguais.

Na produção de sementes existem várias firmas produtoras que multiplicam os cultivares e disputam o mercado. As variedades mais difundidas são:

- tipo Santa Cruz: Santa Clara (80%), Angela Gigante, Kada, e híbridos Débora, Débora plus e Cláudia; as do IAC predominam no mercado.

- tipo Caqui: Oishi, Ogata, Fukuyu, Carmelo e Irazu; especiais para saladas.

- tipo longa vida: híbridos Carmen, Débora e Diva, EF-49, EF-50 e Olimpo, do tipo cereja, mini Carol e Pepe; próprias para salada com boa aparência e resiste mais tempo à temperatura ambiente e viagens.

Os serviços prestados ao setor produtivo são desde a contabilidade, fretes, etc. rotineiros à gerência da empresa produtora de tomate, até o de extensão e assistência técnica que é realizado pelo Estado, firmas ou pago a profissionais especializados.

O serviço criado mais recentemente é o de produção de mudas. Consiste em terceirização da atividade e proporciona vantagens ao produtor, que pode fornecer semente desejada e receber a muda com tamanho ideal, *stand* homogêneo e maior possibilidade dela tornar-se adulta proporcionando boa produção. O valor é de R\$38,00/1.000 mudas entregues em bandejas de isopor. Os serviços de aração, gradeação e carretos inerentes à produção são freqüentes. O espaçamento usual proporciona de 12 a 14.000 covas por hectare e produção média de 5kg/cova. Pode-se utilizar 1 ou 2 plantas por cova¹⁰.

Em 1995 a tomaticultura teve desempenho produtivo acima da média, no entanto, o retorno financeiro deixou a desejar. Para o tomate rasteiro, cujo preço é acordado entre indústria e produtores, o valor sequer cobriu o custo operacional de produção. O preço médio pago mais comum foi de R\$60,00/tonelada.

Para o tomate de mesa, o primeiro se-

mestre teve bom retorno financeiro, enquanto no trimestre setembro-novembro, os produtores receberam pouco mais que o custo de produção (Tabela 6).

TABELA 6 - Preços Recebidos pelos Produtores de Tomate em São Paulo¹, 1995

Mês	Mesa (R\$/cx.)	Indústria (R\$/t)
Janeiro	12,00	90
Fevereiro	11,00	90
Março	10,00	90
Abril	15,00	70
Maio	12,00	60
Junho	10,00	65
Julho	8,00	70
Agosto	7,00	80
Setembro	6,00	60
Outubro	5,00	60
Novembro	5,00	60
Dezembro	7,00	60

¹O custo de produção de tomate para mesa é de R\$4,20/cx.22kg e para o tomate industrial de R\$68,35/t no Estado de São Paulo em 1993.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Há necessidade, nos dois mercados, de união dos produtores a fim de negociar e planejar a produção e para criar canais alternativos para a comercialização.

5.2 - Atividades a Jusante do Setor Produtivo

Os produtores paulistas (proprietários ou parceiros) são pouco associados na compra de insumos e venda da produção. Quando são cooperados compram insumos na cooperativa mas optam pela venda do tomate conforme a conveniência do mercado. A produção entregue para a venda na cooperativa pode seguir para os entrepostos atacadistas de São Paulo, Interior do Estado e outros estados. A forma de venda que predomina é para o atacadista local que transporta o produto classificado e embalado aos entrepostos atacadistas. Também é comum o produtor ter acordo com o atacadista do entreposto, que recebe a produção, vende, realiza os descontos e envia pelo caminhoneiro o cheque de pagamento e o demonstrativo de classificação.

¹⁰Pedro Junior, Mario J. *Instruções agrícola para o estado de São Paulo*. Campinas: IAC, 1987. 231p. (Boletim 200).

Dessa maneira, existe a frota dos caminhoneiros que são especialistas no transporte de tomate da região de produção ao mercado atacadista.

O tomate para consumo *in natura* é a principal hortaliça produzida no Estado sob todos os aspectos da produção ao consumo. São Paulo possui a maior participação na produção brasileira, o Entrepósito Terminal de São Paulo (ETSP), da CEAGESP, é o maior mercado de tomate na América do Sul. Os entrepostos brasileiros comercializaram em 1990, 887.439 toneladas de tomate e o ETSP participou com 36% desse total. A produção paulista foi responsável por 46% de todo o volume negociado nos entrepostos brasileiros. No Rio de Janeiro, a produção paulista abastece mais de 20% do entreposto local e no Paraná e Rio Grande do Sul supera 50% da quantidade comercializada¹¹.

Embora o ETSP seja o principal entreposto no País, o mercado atacadista de tomate é obsoleto e ineficiente. Não há padronização e classificação definida. A forma de comercialização não é transparente e o produtor paulista, principal abastecedor, recebe apenas o equivalente a 30% do total pago pelo consumidor, ficando cerca de 29% no setor atacadista e o restante cabe ao mercado varejista. Se os preços aumentarem em 50% ao consumidor (na entressafra), o produtor sempre recebe no máximo 45% do total pago, ficando o restante na distribuição.

O consumo de tomate na Grande São Paulo, em 1974/75, era de 9,6kg/*per capita*/ano, em 1987/88 passou para 6,8kg, segundo a pesquisa de consumo familiar do IBGE. Essa diminuição foi reflexo do aumento do consumo de derivados de tomate processado como substituto do legume *in natura*.

As indústrias e os restaurantes são abastecidos por atacadistas do entreposto da cidade onde têm domicílio. No mercado varejista, a predominância no abastecimento ainda é das feiras livres, com 68,1%; supermercados, 12,4%; quitandas, sacolões e outros que distribuem a menor parte.

¹¹Galleta, Carlos E.K. **Levantamento da participação no mercado de hortigranjeiros**. Campinas: CATI, out. 1990. 49p.

5.3 - Preços no Mercado Atacadista do MERCOSUL¹²

A variação estacional (bianual e anual) de preços de tomate *in natura* evidencia que em São Paulo os preços máximos ocorrem no trimestre abril-junho e em Buenos Aires em agosto-outubro. As menores cotações ocorrem em dezembro-fevereiro nos dois entrepostos. A média anual de preços nos dois mercados é cerca de US\$10,00 por caixa de 22kg, no entanto, em São Paulo, o máximo situa-se próximo a US\$11,00 a caixa e o mínimo entre US\$7,00 e US\$8,00 por caixa. Em Buenos Aires, o máximo situa-se em torno de US\$17,00 por caixa e o mínimo US\$5,00 por caixa (Tabelas 7, 8, 9 e 10 e Figuras 4 e 5)¹³.

Há possibilidade do mercado paulista abastecer Montevidéu e Buenos Aires com tomate longa vida no período junho-setembro. Da mesma forma Uruguai e Argentina podem enviar o mesmo tipo de tomate em abril e maio à São Paulo, e região Sudeste e Sul do Brasil.

Com esse contexto conjuntural descrito desfavorável ao setor produtivo, houve reflexos na área cultivada de tomate no Brasil (Tabela 11).

5.4 - Nichos de Mercado

A tecnologia disponível para produção em plasticultura, orgânica ou na forma tradicional, é evoluída em São Paulo, mas pode ser melhorada pela integração das ações de pesquisa, extensão com os produtores e realização de trabalhos conjuntos. Dadas as variedades existentes percebe-se que há pouco conhecimento da necessidade e diversidade no mercado de tomate *in natura*. O fornecimento de tomate cereja, longa vida, ou caqui, especiais para salada, ainda é pequeno, o seu incremento requer que produtores especializados criem canal de comercialização direto com as quitandas, supermercados, etc.,

¹²O método utilizado para calcular o padrão estacional é apresentado em Hoffmann, Rodolfo. **Estatísticas para economistas**. São Paulo: Pioneira, 1980. 379p.

¹³Camargo Filho, Waldemar P. de & Mazzei, Antonio R. **Integração do mercado de cebola e tomate no MERCOSUL. Informações Econômicas**, SP, v.25, n.12, p.64-81, dez. 1995.

TABELA 7 - Preço Médio Mensal de Tomate no Mercado Central de Buenos Aires, 1989-94

(US\$/t)								
Mês	1989	1990	1991	1992	1993	1994	Média do mês	%
Janeiro	5,94	2,42	5,72	6,16	6,63	7,26	5,69	53,33
Fevereiro	3,74	1,54	5,94	7,04	11,28	5,72	5,88	55,09
Março	2,20	5,06	6,60	8,58	13,27	5,28	6,83	64,04
Abril	2,42	6,38	7,70	10,12	22,44	5,50	9,09	85,25
Maio	1,98	12,98	8,80	6,82	19,36	11,66	10,27	96,24
Junho	1,54	17,60	5,72	5,97	19,80	8,80	9,90	92,85
Julho	3,96	14,52	7,70	16,14	10,56	9,90	10,46	98,09
Agosto	9,46	14,96	5,28	19,68	10,34	9,90	11,60	108,77
Setembro	19,58	24,86	17,60	20,34	17,82	18,48	19,78	185,43
Outubro	10,34	16,06	20,02	26,31	20,24	20,68	18,94	177,57
Novembro	8,58	8,80	8,58	8,40	16,28	16,72	11,23	105,25
Dezembro	1,98	10,56	6,16	7,52	15,62	8,14	8,33	78,09
Média mensal	5,98	11,31	8,82	11,92	15,30	10,67	10,67	100,00
%	56,03	106,04	82,67	111,78	143,46	100,03	100,00	-

Fonte: Secretaria de Agricultura, Ganaderia y Pesca de La Nacion - Argentina (SAGYP).

TABELA 8 - Preço Médio Mensal de Tomate no Mercado Atacadista de São Paulo, 1989-94

(US\$/cx. 22kg)								
Mês	1989	1990	1991	1992	1993	1994	Média mensal	%
Janeiro	12,00	14,00	5,00	6,00	7,00	7,26	8,54	83,57
Fevereiro	11,00	8,00	6,00	7,00	9,00	5,72	7,79	76,17
Março	21,00	7,00	8,00	9,00	8,00	5,28	9,71	95,02
Abril	19,00	6,00	12,00	13,00	15,00	5,50	11,75	114,94
Maio	15,00	18,00	9,00	10,00	11,00	11,66	12,44	121,72
Junho	8,00	23,00	6,00	7,00	15,00	8,80	11,30	110,54
Julho	4,00	22,00	5,00	5,00	8,00	9,90	8,98	87,88
Agosto	5,00	21,00	5,00	6,00	9,00	9,90	9,32	91,14
Setembro	11,00	14,00	7,00	8,00	7,00	18,48	10,91	106,76
Outubro	15,00	9,00	6,00	7,00	7,00	20,68	10,78	105,45
Novembro	14,00	5,00	9,00	11,00	14,00	16,72	11,62	113,67
Dezembro	8,00	5,00	8,00	10,00	18,00	8,14	9,52	93,16
Média anual	11,92	12,67	7,17	8,25	10,67	10,67	10,22	100,00
%	116,57	123,91	70,10	80,70	104,34	104,37	100,00	-

Fonte: Boletim Mensal da CEAGESP.

TABELA 9 - Variação Estacional Anual dos Preços de Tomate no MCBA e ETSP, 1989-94

Mês	MCBA	ETSP
Janeiro	54,00	87,00
Fevereiro	54,00	83,00
Março	74,00	85,00
Abril	92,00	110,00
Maio	112,00	133,00
Junho	91,00	120,00
Julho	108,00	80,00
Agosto	123,00	88,00
Setembro	223,00	105,00
Outubro	197,00	98,00
Novembro	88,00	119,00
Dezembro	106,00	107,00
Desvio padrão	0,44	0,17
Desvio médio	0,32	0,14
Amplitude	169,19	53,38

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da CEAGESP e SAGYP.

TABELA 10 - Variação Estacional Bianaual dos Preços de Tomate no MCBA e ETSP, 1989-94

Mês	MCBA	ETSP
Janeiro	49,00	101,00
Fevereiro	41,00	83,00
Março	79,00	89,00
Abril	93,00	101,00
Maio	104,00	164,00
Junho	107,00	146,00
Julho	165,00	118,00
Agosto	171,00	125,00
Setembro	224,00	118,00
Outubro	204,00	89,00
Novembro	84,00	84,00
Dezembro	85,00	80,00
Janeiro	67,00	66,00
Fevereiro	74,00	83,00
Março	83,00	90,00
Abril	117,00	148,00
Maio	116,00	108,00
Junho	96,00	107,00
Julho	82,00	72,00
Agosto	68,00	78,00
Setembro	163,00	83,00
Outubro	186,00	77,00
Novembro	108,00	133,00
Dezembro	89,00	140,00
Desvio padrão	0,44	0,26
Desvio médio	0,34	0,21
Amplitude	184,00	87

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da CEAGESP e SAGYP.

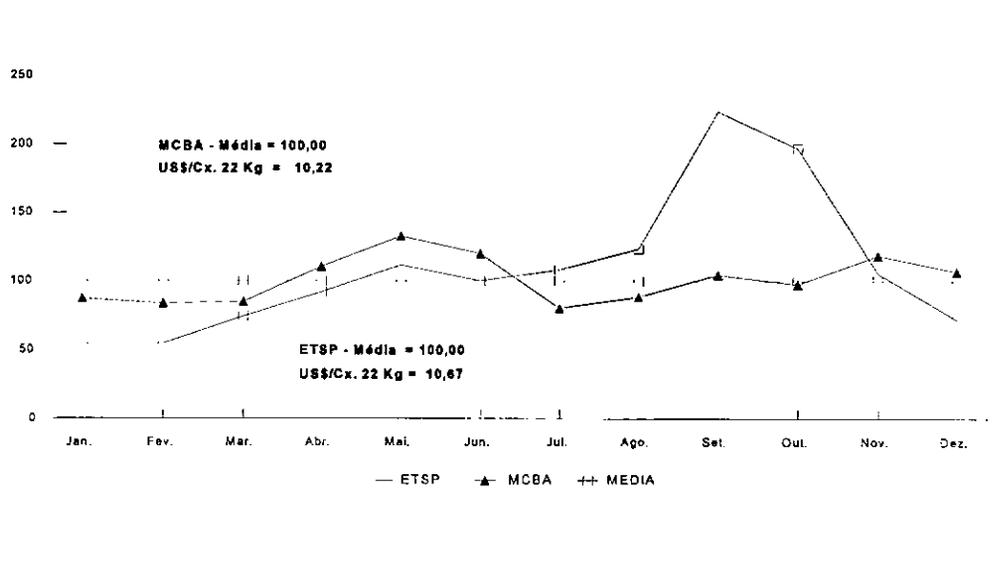


Figura 4 - Variação Estacional Anual do Preço de Tomate Comercializado nos Mercados Atacadistas de Buenos Aires e de São Paulo, 1989-94.

Fonte: Elaborada pelo Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP e SAGYP.

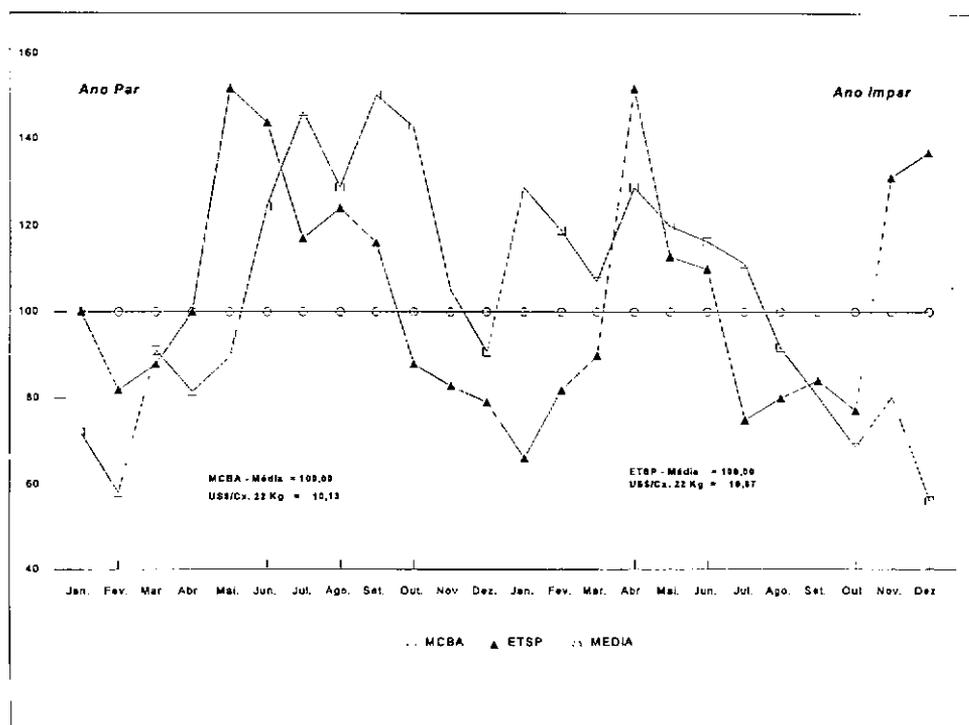


Figura 5 - Variação Estacional Bial dos Preços de Tomate Comercializado nos Mercados Atacadistas de Buenos Aires e de São Paulo, 1989-94.

Fonte: Elaborada pelo Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP e SAGYP.

TABELA 11 - Prognóstico da Produção de Tomate, Regiões e Estados, Brasil, Safra 1996

Grandes Regiões e Estados	Safra 1995	Previsão 1996	Variação (%)
Sudeste	28.403,0	26.159,0	-7,90
Minas Gerais	5.921,0	5.921,0	-
Espírito Santo	1.599,0	1.698,0	6,19
Rio de Janeiro	3.543,0	3.550,0	0,20
São Paulo	17.340,0	14.990,0	-13,55
Sul	6.862,0	6.513,0	-5,09
Paraná	1.998,0	1.400,0	-29,93
Santa Catarina	2.534,0	2.710,0	6,95
Rio Grande do Sul	2.330,0	2.403,0	3,13
Centro-Oeste	4.838,0	4.567,0	-5,60
Mato Grosso do Sul	154,0	230,0	49,35
Mato Grosso	139,0	197,0	41,73
Goiás	4.395,0	4.000,0	-8,99
Distrito Federal	150,0	140,0	-6,67
Total	40.103,0	37.239,0	-7,14

Fonte: IBGE/Cepagro.

nos bairros de elite ou *shoppings* de São Paulo. Da mesma forma, para o produto oriundo de produção orgânica ou plasticultura com menor uso de defensivos é pouco explorado e o abastecimento ainda é pequeno.

A integração comercial São Paulo-Buenos Aires é factível e o mais viável é a negociação do atacadista e/ou associações de produtores da região de cultivo, enviar o tomate na embalagem preferida pelo varejista e diretamente (supermercado). Além disso, são necessárias outras ações na área de classificação, padronização e controle fitossanitário.

Atualmente a produção é classificada na propriedade agrícola e embalada em caixas de 22kg e segue para os entrepostos e daí para o varejista. Este trajeto encarece o produto que fica à merce da especulação no entreposto. Para agilizar o mercado, promover a concorrência e baixar o preço dos serviços na comercialização, é necessário adotar as seguintes medidas:

a) Promover a padronização e classificação no município produtor para torná-la mais homogênea aos padrões do MERCOSUL e ser destinada diretamente ao estabelecimento varejista.

b) Testar outras embalagens com dimensões e materiais adequados para o tomate Santa Cruz (MODAL), o Caqui, o Débora e o Cereja, e que atendam às exigências técnicas para proteger o legume e tornar seu manuseio fácil e mais barato, que facilite a venda nos supermercados e feiras, diminua as perdas na distribuição e facilite a carga e descarga.

c) Criar canal de comercialização paralelo promovendo o *veilling* no ETSP e transferindo parte de comercialização direta (produtor-varejista) ao município, devendo-se promover a realização da produção contratada.

5.5 - Gargalos no Setor Produtivo

A principal ameaça no setor produtivo é a expansão excessiva de produção quando há preços altos, levando os produtores a grandes prejuízos 5 meses após a elevação da cotação. A Secretaria de Agricultura, o município, os bancos e associações de produtores ficam inertes sem tomar atitudes, visando o planejamento da produção. Os municípios de Guapiara, Apiaí e Barra do Chapéu são produtores de legumes, e

o principal é o tomate, são pobres por isso não investem. Há necessidade de um planejamento global da produção de legumes na região, reunindo ações do Estado, do município e demais agentes ligados à produção, no sentido de organizar a produção e promover a melhoria da distribuição de forma que o tomaticultor agregue maior valor na margem de comercialização e planeje sua produção anual.

6 - CONCLUSÃO E SUGESTÕES

Diante dos custos de produção de tomate (mesa e indústria) e do conhecimento tecnológico acumulado, há grande possibilidade de realizar o cultivo com sistema de produção em que se utilize menos insumos e custo menor. O preço praticado em 1995 mostra que existem produtores que possuem custos menores porque estão se mantendo em sua atividade, com as crises constantes de preços. Dessa forma, se houvesse organização dos produtores, governo municipal e atacadistas locais seria possível agregar valor ao preço recebido pelo tomaticultor e a partir daí esse agricultor poderia investir na qualidade do seu produto e exigir da indústria e do supermercado o pagamento do custo real de produção. Para o tomate, diante da existência da gama de variedades e do amplo mercado do Sudeste brasileiro e do Sul do continente, há possibilidade de uma parte da produção paulista do período junho a outubro ser direcionado a Buenos Aires, Montevideu e Porto Alegre. Nessas cidades a melhor e principal fatia do mercado a ser conquistada é com o tomate longa vida e utilizando embalagens especiais pronta para supermercados e restaurantes. Com essa visão e união, os atacadistas e produtores dos municípios paulistas, principais produtores, poderão conquistar sua estabilidade e planejar a produção, auferindo retornos e diminuindo riscos. Sem dúvida que o consumidor final será beneficiado nesta mudança.